URDIDURAS DO TEMPO, VISCOS DA VIDA NARRATIVAS DE MULHERES PROFESSORAS*

Profa. Dra. Inês Assunção de Castro Teixeira
Helena Toffoletti (Bolsista PIBIC/ FAPEMIG)
Elga Arantes (Bolsista PROBIC /CNPQ).
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

> Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se a tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo, hora a hora, em longo tapete que nunca acabava (...) Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias... Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.... Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha. (...) Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços... Sem descanso, tecia a mulher os caprichos do seu marido... A noite chegava e ela não tinha tempo para arrematar o dia.
>
> Marina Colassanti

Assim a moça passava os seus dias...

Dividindo-se e multiplicando-se elas vão urdindo seus tempos cotidianos, nas breves e longas durações de suas existências. Nos viscos do transcurso de suas vidas por

Entre adolescentes e jovens, crianças e adultos – personagens centrais de seus enredos, seus nós.

---

* Este trabalho é uma pequena parte da pesquisa *"Mulheres e docências nas Minas Gerais: gênero, história, tempo e poder",* realizada mediante financiamento do CNPQ e da Secretaria Especial dos Direitos da Mulher, sem o qual não teria sido possível sua realização. Na oportunidade, agradecemos de público a estas entidades.

Entre auroras e poentes, esquecimentos e lembranças, entre livros e cadernos, ônibus e carros – em seus deslocamentos de casa para a escola e seu reverso - nos fluxos dos tempos cotidianos, elas vão se compondo em luzes e sombras, sabores e dissabores, tensões e dificuldades, angústias, culpas, dúvidas, receios. Em alegrias e esperanças. Entre uma e outra lida, numa escola e outra, elas vão se fazendo e refazendo mulheres professoras.

Como a moça tecelã, lembrada por Colassanti, ali estão elas, emendando os fios do tempo, nas urdiduras dos bordados que suas mãos desenham e inventam dando vida ao visco do tecido à espera. Dando cores e formas humanas aos meninos e meninas que ali estão, à espreita, pois estes novos chegantes não podem ser deixados à deriva. Nesses percursos vão tecendo suas experiências do tempo de mulheres professoras, em modulações próprias, singulares frente aos tempos de outros trabalhadores e trabalhadoras, de outros labores e ofícios. Nesses cotidianos enredos, vão dividindo seus tempos utilizados em seus afazeres. Nessas tramas, vão imprimindo direções e sentidos, vão sentindo, seus tempos assim vividos e significados como tempos de mulheres, mulheres professoras.

Mas de que fios são feitas estas tramas? Com quais conteúdos e formas são urdidos os bordados destas vidas? De que conteúdos e formas são urdidos os bordados destas vidas? Qual sua viscosidade e textura?

Tentando tocar nestes fios para apanhar as malhas e desfazer a trama, fomos em busca de algumas professoras com quem conversamos a respeito.

Nesta procura as encontramos. Aqui estão elas: Ângela, Aurora, Cristina, Iara, Juliana, Regina, Simone e Vânia, [1]reveladas em suas narrativas feitas de lembranças, de interpretações e sentidos. De sentimentos e emoções. Aqui está um grupo de oito mulheres. Quiçá, uma pequena constelação de oito luminosas mulheres, se assim pudermos defini-las. Admiráveis mulheres professoras, digamos. Com experiências comuns e diversas. Com distintos posicionamentos sociais (etários, étnicos) e profissionais.[2]

Tendo gravado, transcrito e transcriado suas entrevistas, todas realizadas individualmente, na modalidade de entrevistas narrativas, em local e data por elas definidos, entre os meses de maio de 2007 e fevereiro de 2008, apresentamos abaixo longos trechos desses seus relatos, para não perder a vida que neles se descortina. Trazemos, também, uma mensagem escrita que Iara enviou-nos pela rede, dois dias após sua entrevista, o qual transcrevemos abaixo, na íntegra.

Sem qualquer propósito de exaurir os significados do que nos foi revelado, do que nos foi confiado, generosamente, por estas professoras, nossas entrevistadas, aqui está uma sistematização inacabada, incompleta. O trabalho contém apenas algumas possibilidades para se pensar e tentar compreender os fios e contornos das urdiduras do tempo destas mulheres professoras, impregnadas dos viscos de suas vidas, suas seivas. Tempos tramados em desejos de emendar sonhos e realidade para suas vidas, para a educação e a escola.

---

[1] Conforme combinado com as professoras entrevistadas, todos os seus nomes aqui indicados são fictícios.

[2] Iara, Juliana e Vânia são casadas formalmente, sendo que Iara já é avó e as duas outras ainda não têm filhos. Regina e Cristina, vivem com seus companheiros e não têm filhos, embora Cristina tenha enteados. Aurora é desquitada e têm duas filhas e Simone tem uma filha e é solteira, ambas vivem com elas em suas casas. Quanto a Ângela, é solteira, sem filhos e mora com seus pais e irmão. Iara, a mais velha, na faixa dos 50 anos, já é aposentada em um cargo, mas assume um outro, de primeiro ciclo. As outras sete, quatro delas são também das gerações mais antigas do magistério – têm acima de 15 anos de docência- sendo que uma delas, Cristina, é também sindicalista, do Sindicato da União dos Trabalhadores do Ensino (SIND-UTE) e Simone já foi da diretoria deste mesmo sindicato. Elas trabalham em diferentes áreas do magistério e campos disciplinares: da Educação Infantil ao Ensino Superior.Todas elas são professoras em escolas públicas municipais e estaduais de Belo Horizonte, Betim e de Ribeirão das Neves.

Acordava ainda no escuro. E logo sentava-se a tear

5:45h – Despertador me acorda. Saio de casa às 6:30h. Vou trabalhar no meu carro, pois, a linha de ônibus que serve o bairro é ineficiente. Gostaria de usar o ônibus mas, carrego sempre muito peso (livros, trabalhos dos alunos, etc) e a espera no ponto de ônibus é longa, gasta-se muito tempo.

7:00 – Início da aula.

O tempo de permanência na escola durante o turno da manhã até às 11:30h é distribuído entre: dar aulas, recreio e horários de projetos.

- *Em forma de escala semanal, participo do recreio junto com os alunos em alguns dias.*
- *Durante as 4:00 h de projetos semanais, dependendo da prioridade, posso: Cobrir em sala de aula a falta de uma professora, fazer planejamentos ou revisões de tarefas dos alunos, investir o tempo na seleção/ montagem de materiais pedagógicos, realizar pesquisas na biblioteca (livros, filmes, revistas, etc.). Fazer contatos com a direção/coordenação, professoras e demais funcionários no sentido de negociar a utilização de tempos e espaços coletivos, apresentar alguma proposta , trocar idéias, se informar...*
- *Ainda nos horários de projeto realizo atendimento agendado aos pais e alunos, de acordo com a necessidade que, aliás, são muitas!*
- *Em datas previamente marcadas há também o encontro de grupos de professoras (por ciclo) para planejamento e este "arranjo" se faz observando os horários de projeto. Também neste mesmo molde acontecem os Conselhos de Classe, no final de cada semestre.*
- *Valorizo demais os momentos coletivos e sub-coletivos, pois, a soma dos saberes e experiências enriquece o trabalho. Porém, estes tempos utilizados para esse fim têm sido insuficientes para atender a uma demanda tão grande diante dos problemas contemporâneos que nos chegam à escola.*

- *Dentre todas estas tarefas, a substituição prevalece e tem sido um dificultador na realização de um bom trabalho! Na minha opinião, o adoecimento do professor pela sobrecarga de trabalho tem sido a causa maior disso ocorrer.*
- *Pelo visto o meu tempo na escola é muito bem utilizado!*

12:00h – Almoço

No período da tarde/noite (incluindo finais de semana) estabeleço várias atividades como: tarefas caseiras, cursos e leituras de aprimoramento profissional, ginástica, momentos de lazer, cuidados com o neto... Trago também bastante trabalho relacionado às aulas para realizar em casa, principalmente, se há muitas substituições.

No entanto, como professora, devo afirmar mais uma vez que a condição de trabalho em um só turno faz muita diferença quando utilizamos a metodologia ação/reflexão/ação. O distanciamento da sala de aula para refletir, o descanso necessário para ativar a criatividade, o tempo para a busca de informação e novidades para as aulas, o preparo destas aulas , tudo isso dá qualidade ao trabalho e maior satisfação profissional. Posso comparar o meu desempenho hoje com o de quase dez anos que trabalhei em regime de dobra. (não por opção mas, por buscar um melhor salário) . Agora, aposentada em um cargo de professora posso lecionar como nos velhos tempos quando comecei lá na zona rural. Tempo esse em que havia tempo de conversar olhando nos olhos das pessoas, que é o jeito do qual gosto até hoje.

Sonho com um tempo em que o professor possa ficar no máximo 6:00h por dia na sala de aula. Com um salário digno, é claro! Talvez assim ele volte a se humanizar como estou me sentindo agora : UM SER HUMANO FELIZ!

Abraços, Iara

Esta mensagem escrita da professora Iara[3]contém vários elementos das urdiduras da experiência do tempo das mulheres professoras. Seu relato evidencia, entre outras questões, o ponto onde tudo começa: sua experiência do tempo está implicada e circunscrita a uma certa noção e formas de cômputo temporal próprias das sociedades modernas, industriais, urbanas. Qual seja, visto que ambas – a noção de tempo e os meios de sua mensuração – são uma construção sócio-histórica das culturas, Iara como todos os professores e professoras e como todos/as aqueles/as *aprendemos* uma certa noção de tempo, mediante processos civilizatórios, nos termos de Norbert Elias (1989). Trata-se de uma noção e formas de mensuração do tempo associadas à rítmica e aos processos produtivos das sociedades capitalistas, mercantis, ao industrialismo e à urbanização.

Trata-se de uma noção e forma de mensuração temporal indicada, medida, controlada, regulada, predominantemente pelos relógios, pelos cronômetros e seus desdobramentos nas agendas, programações e horários, marcadores temporais muito presentes no cotidiano dos professores/as, como Iara nos mostra, por serem eles e elas trabalhadores assalariados. Professores e professoras vendem seu tempo de trabalho por um salário, seja nas escolas públicas, seja nas particulares, tal qual os demais segmentos de trabalhadores e trabalhadoras o fazem nas sociedades capitalistas, nas quais *tempo é dinheiro.*[4]

Iara organiza e distribui seu tempo e nele, suas atividades do dia a dia, conforme as durações e períodos estabelecidos nos horários, nos calendários e currículos escolares, nos quais estão subjacentes as *durações esperadas socialmente*, [5]entre outros elementos que contém. Os calendários escolares, por exemplo, não somente fixam períodos, datas e durações, como também fazem lembrar e esquecer, entre outras de suas funções e conteúdos.

---

[3] Iara enviou-nos este seu registro por escrito, através da internet, dois dias após a sua entrevista. Naquela ocasião a incentivamos a escreve-lo e ela assim o fez. Da mesma forma que para outras sete professoras que entrevistamos, conceder a entrevista foi algo muito importante para Iara, por várias razões que ela expressou em nossas conversas posteriores à mesma.

[4] Aqui estamos nos inspirando, sobretudo, na análise de Karl Marx em suas formulações sobre o trabalho assalariado, sobre a teoria da mais –valia e outros elementos de sua teorização. Lembramo-nos, também, da análise de Max Weber, acerca da tendência crescente à racionalização, à eficácia e à burocratização processos que se desdobram sobre todas as esferas da vida social nos marcos da modernidade.

Mas o que haveria, ainda, de significativo neste relato de Iara, que nos revela as particularidades da experiência do tempo nas vidas das professoras, mulheres? Quanto a isto, além de apontar suas várias atividades e tarefas pertinentes aos diferentes períodos e cadências dos tempos escolares, ela se remete aos seus tempos em casa. Nestes, além de aparecerem suas atividades docentes ali realizadas, está claramente colocada a sua condição de mulher, de esposa, de mãe, de avó, de dona de casa. Este é um dos aspectos em que a experiência do tempo da mulher professora se diferencia das vivências temporais dos professores homens: as responsabilidades com as lidas da casa e com os filhos/as. No caso de Iara, com o neto; no caso de Regina, com os/as enteados/as e no caso de Simone, com seus pais. Estando eles mais velhos, embora ainda colaborem com ela que cuidando de sua filha em parte do dia, Simone também se sente responsável por eles. Por isso, ela cuida de suas agendas de médicos e tratamentos e de alguns problemas da casa onde eles moram.

Esta mensagem de Iara contém, ainda, questões relativas aos sentimentos e sentidos inscritos em sua experiência do tempo. Nele estão algumas de suas angústias e tensões, além dos sonho que acalanta, revelado no parágrafo final. Um sonho que Iara compartilha com outras colegas, pois este é um desejo recorrente entre os/as professores/as de um modo geral. Elas e eles, se pudessem, reduziriam suas jornadas de trabalho nas escolas a um único cargo. Não mais teriam o segundo cargo ou as chamadas dobras. Este é o caso de Iara, que no período da entrevista já estava somente com um cargo de professora do Primeiro Ciclo, porque havia se aposentado no outro cargo que desempenhou durante 25 anos, uma das razões para sentir-se feliz. O fato de Iara estar trabalhando somente um cargo na escola é atípico no conjunto do magistério. Nos dias atuais, diferentemente do que se passou até os anos 70, as mulheres professoras passaram a assumir dois cargos e as dobras nas escolas, para elevarem seus rendimentos mensais. Esta é a explicação para as longas jornadas de trabalho dos professores e professoras, qual seja, os baixos salários do magistério, que somados aos períodos em que os/as docentes desenvolvem atividades laborais fora da escola, amplia significativamente as jornadas e intensifica os de trabalho desta categoria de trabalhadores/as.

Estão também presentes neste registro de Iara, vários outros elementos ou características que ela compartilha com as demais professoras entrevistadas e com os docentes de um modo geral. Quais sejam: os tempos despendidos com o deslocamento entre a casa e a escola; a separação apenas formal entre seus tempos de trabalho e seus tempos livres, da vida privada, pois neles ela desempenha tarefas docentes. E, sendo mulher, as lidas com a família e a casa, conforme vimos acima.

Quanto aos seus tempos na escola são também aspectos de destaque nos depoimentos de outros professores/as e nos relatos de nossas outras entrevistadas. Na escola o tempo é distribuído e utilizado para dar aulas, recreios, horários de projeto, entre outras atividades e períodos. O tempo das aulas é o mais largo; o recreio pode existir ou não, dependendo de a professora ser ou não escalada para ficar com os meninos alunos. Os horários de projeto, quando existem, são utilizados para tarefas docentes individuais ou coletivas, conforme as prioridades e necessidades de professores e escolas. Neles se realizam várias tarefas, desde as pertinentes à preparação e avaliação didático-pedagógica até o encontro previamente agendado com pais de alunos, conforme registrado por Iara. Além disso, este horário pode perder sua função inicial, quando é utilizado para outros fins como os Conselhos de Classe e outros tempos coletivos/as de que os docentes necessitam.

Ainda quanto à divisão e utilização dos tempos escolares, o registro de Iara reitera um dos maiores problemas existentes nas escolas públicas brasileiras nos dias atuais: o absenteísmo docente. Esta ausência dos professores altera os horários regulares e rotinas escolares e exige que um colega seja substituído por outro, entre outros problemas e conseqüências advindos deste fato. Iara passa a ter uma nova tarefa na escola: substituir os colegas ausentes.

Observa-se, por fim, na segunda parte do registro de Iara que, diferentemente dos professores homens, no período da tarde e da noite ela se dedica não apenas a atividades de escola (o pode também ocorrer com professores homens). Ela utiliza seu tempo com tarefas caseiras, com o cuidado do neto, com as ditas obrigações femininas, como relatou. O mesmo acontece com as outras professoras entrevistadas, como veremos abaixo.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo,hora a hora...

Enredadas na trama dos fios e traçados da arquitetura de seus tempos cotidianos, nas configurações de sua experiência do tempo, as mulheres professoras vivem tensões e dificuldades. Por vezes, se desgastam, fatos que foram revelando-nos, pouco a pouco, em suas narrativas. Quais são estas tensões e dificuldades inscritas na experiência do tempo dessas professoras com quem conversamos? Qual a sua natureza e quais os fatores ou circunstâncias a que estão associados?

Os relatos abaixo, entre outros que escutamos, trazem-nos novos elementos sobre estas questões, completando o registro de Iara, tal como estes de Cristina e de Aurora:

> É um tempo corrido. Eu acho que para as que têm filhos e são donas de casa, principalmente, é muito pesado, apesar de para mim também ser pesado. É um tempo corrido. Sai voando da escola às 11:30 para ir para a casa e à uma hora está todo mundo de volta. (...) A gente faz muita, muitas coisas em pouco tempo. E muitas tarefas diversificadas: tem que trabalhar, tem que cuidar da casa, tem que cuidar das pessoas que convivem com você, não é? Então essa correria do tempo é tanta que as vezes não tem muito tempo para si mesma. É um tempo muito para o trabalho, para o outro da casa e pouco tempo para ela mesma. Esse tempo que é pra gente, esse tempo que é pra se cuidar, não tem. Daí a gente observa, quando chega nas férias, tem um tanto de professores que está fazendo exames. Essa coisa de ser mãe e trabalhar a maioria dentro da escola durante três horários, eu acho, não sei como as pessoas agüentam. Eu acho que elas trabalham muito, é

> muito pesado pra nós o ritmo da escola. Muitas não têm, do ponto de vista de trabalho doméstico, a maioria delas não tem quem faça pra elas esse trabalho doméstico. Então é complicado. Em relação a minha casa, na minha casa não tem empregada. E eu e minha colega, nós não temos essas coisas, a nossa casa esta lá arrumada, mas a gente não vai ficar gastando tempo da nossa vida cuidando de casa. Eu vejo que tem uma diferença com as outras pessoas quando se trata disso. (Profa. Cristina)

Neste relato de Cristina são expostas várias dificuldades, tensões e desgastes nos tempos cotidianos das professoras, associados à rítmica intensa de responsabilidades profissionais e domésticas, na roda viva de uma permanente superposição de tarefas. Sendo assim, como outros estudos sobre o tempo das mulheres indicaram, elas não têm tempo para si mesmas. Ficam deixadas de lado. O tempo de milhares de mulheres, entre elas estas professoras, é para o outro.[6]

Além deste acumulo e ritmo intenso de atividades em casa, na escola e da escola em casa, há os padrões relativos ao cuidado da casa que foram ensinados e absorvidos pelas mulheres. Embora Cristina observe que ela e uma colega já se desprenderam deles, ela o observa em suas colegas. Inúmeras mulheres passam longos períodos de seus dias na arrumação da casa, movidas por referências culturais higiênicas, alimentares e de estética do lar e da casa, associadas às idéias e discursos do feminino. Elas sentem-se no dever de atender a uma certa expectativa relativa aos lares, ao cuidado do lar, que se atribui ao feminino.

Trata-se, pois de uma rítmica intensa de atividades, em que o tempo parece não dar tempo, tal como dito neste relato de Aurora, em que ela reitera algumas colocações de Cristina e acrescenta outras, relativas à própria natureza e entendimentos que ela tem de seu trabalho como professora, no caso, alfabetizadora. Aurora relata:

> É, então eu pareço... Eu chego assim já cansada pra trabalhar. Eu estou falando sinceramente, as vezes eu chego cansada, porque eu já fiz tanta coisa, eu já corri tanto. Porque tudo sou eu, né? Então, eu já chego lá correndo, às vezes eu largo o lanche pra trás, todo dia quase eu esqueço... (risos). Aí eu lembro, às vezes, eu tenho que ligar da escola pra perguntar pras meninas: *"Trancaram a porta direito?"* (risos). Inês, é uma coisa muito engraçada, porque eu faço milhões de coisas ao mesmo tempo. Eu não sei como que eu agüento! Então, assim... Às vezes eu, no período da tarde, principalmente, às vezes eu tenho uma sensação de que o tempo não vai dar pra eu fazer tudo que eu estou fazendo. Às vezes eu estou dando aula e estou lembrando das coisas que eu tenho que fazer e fica tudo meio misturado, pra falar a verdade. E aí eu tenho que lembrar que eu tenho que dar conta do meu recado lá, que os meninos estão contando comigo. (...) Tem uma carga emocional, então, são tantos problemas, né?

Aurora acrescenta novos elementos aos relatos de Cristina quanto às tensões e dificuldades inscritas em sua experiência do tempo, pois ela se remete às exigências relativas ao exercício da docência, à "natureza" do trabalho docente. Além de estender-se para além da escola e da sala de aula, pois os/as professsores/as fazem parte de suas atividades docentes em seus tempos de vida privada, extra-escolares, a docência é uma atividade laboral com forte envolvimento humano. Por isso Aurora se remete a um outro tipo de carga ou de encargo implicado na docência, o emocional, a preocupação com o desenvolvimento das crianças. O trabalho docente tem, inegavelmente, um forte teor humano, um alto grau de envolvimento emocional, que se desdobram em preocupações. Os/as docentes têm não somente uma particular configuração de seu tempo físico, com ocupações, como também deles é exigida uma disposição psíquica, que não raro representa um tempo de preocupação com seu trabalho, com as crianças e jovens alunos/as, conforme Nóvoa (1990), Hargreaves (1998), Fanfani (2006), Teixeira (1998) e outros salientaram. A começar pelas

diferenças etárias e geracionais entre docentes e discentes. Estas, se de um lado renovam e rejuvenescem os mestres, de outro deles exigem plasticidade, flexibilidade, abertura de seus corpos e mentes para acolher, compreender e trabalhar com esse outro: seus alunos e alunas. Há sérias exigências corporais sobre o trabalho docente, sobretudo na educação presencial.

Em uma análise mais geral tem-se que estas tensões e dificuldades inscritas na experiência do tempo das professoras têm origem nas condições de exercício da docência – nas condições de trabalho, de um lado. E, de outro, na própria natureza do trabalho docente que exige um alto envolvimento humano. Há que considerar, ainda, no plano mais subjetivo e simbólico os significados e relações que os docentes estabelecem com este seu labor, tal como Aurora nos revelou.

E sendo estas mestras mulheres, é possível supor que as tensões e dificuldades se agravam as tensões e dificuldades, os desgastes, porque elas têm também as responsabilidades familiares e domésticas, além dos dois cargos ou dobras nas escolas. Este fato significa longas jornadas de trabalho na escola e fora dela, com atividades de preparação, de avaliação e de estudos que realizam rotineiramente, podendo levar á exaustão. E em alguns períodos do calendário escolar, ainda com maior extensão e intensidade, como nos períodos de conselhos de classe, de elaboração de registros e de avaliações dos alunos.

Essa longa e envolvente jornada, entre a casa e a escola, da escola na casa e da casa na escola, temos as dificuldades de conciliação entre os vários tempos cotidianos da rotina destas mulheres. Surge, assim, o problema de ter que se desdobrar em várias coisas - tantas mulheres em uma só -, oriundas de suas múltiplas responsabilidades de profissionais, de mães e de donas de casa, conforme a estrutura e dinâmica da configuração familiar de cada uma delas.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha.

Ela própria trouxe o tempo em que se sentiu culpada...

Misturam-se a estas tensões e dificuldades, e mesmo às alegrias, de sentir-se por vezes, uma boa professora alfabetizadora, como no caso de Aurora, por exemplo, os sentimentos do tempo. Como e quais deles se manifestaram nos relatos de nossas entrevistadas? Há muito o que compreender a este respeito, contudo iremos limitar-nos a alguns deles, vindos das narrativas de Aurora, de Regina, de Vânia e de Ângela, a mais jovem no magistério no grupo.

> E aí eu fico pensando que às vezes eu estou brincando de ser professora, porque ... Será que eu estou cumprindo a minha missão de verdade? Ás vezes eu penso que... Que sim. Às vezes eu penso que não. Às vezes eu penso que sou boa alfabetizadora, ás vezes eu penso que não. E vou levando e o tempo vai passando e aí já tem 17 anos que eu estou nessa. E gosto muito. Mas eu gostaria de ter mais tempo. Se eu pudesse trabalhar só meio horário. Igual eu escrevi no meu trabalho, se eu pudesse conciliar vida pessoal melhor, fazer maria-chiquinha nas meninas pra elas irem pra escola. Agora não dá mais porque elas não deixam. Mas se eu pudesse voltar atrás eu teria voltado. Pra conciliar melhor o tempo, pra eu ser melhor, sabe?

Este sentimento de culpa, expresso por Aurora, é recorrente entre professoras. Imprensadas entre tantas responsabilidades, interpelações e exigências, elas se culpabilizam pelo que não fizeram ou pelo que está mal feito. Reiterando os estudos de HARGREAVES (1998), vê-se que essa culpa geralmente está ligada a sentimentos de ansiedade e de frustração, conseqüências das demasiadas cobranças e pressões sofridas por eles e elas, devido à intensificação cada vez maior das múltiplas atividades desempenhadas e exigidas na docência, cobradas dos docentes, e que não são muitas vezes executadas da melhor maneira. O dia continua tendo vinte e quatro horas e o corpo e psiquismo têm seus limites. O autor classifica a culpa em dois tipos. A primeira que chama de culpa persecutória refere-se

às situações em que o profissional sente que está fazendo algo proibido, ou que não está conseguindo realizar alguma coisa que se é esperada dele. São efeitos das cobranças burocráticas e das exigências de se prestar contas o tempo todo do trabalho realizado. O segundo tipo de culpa é a culpa depressiva que está relacionada com a ética do cuidado, quando o/profissional sente que não foi capaz de proteger ou defender pessoas ou valores em que acredita.

Associado ou não á esta culpabilização, temos outros tipos de sentimentos, que manifestos por Regina, por Vânia e por Ângela e Juliana, das gerações mais antigas, intermediárias e mais jovens, respectivamente. Começando por Regina, ela relata:

> Tempo é sempre uma angústia. Para a gente que é mulher, que é professora ... Sempre me incomodou muito. Muito. E eu acho que estou em uma fase de vida em que isso tem, assim, tenho clamado mais por tempo. Um tempo maior para tudo que é importante pessoalmente, para as coisas da vida que a gente deixa um pouco para trás e depois sabe que é sonho e que tem que ser levado mais a serio. Então eu acho que tempo sempre foi a minha angústia. (...) Toda mulher está nessa de querer fazer várias coisas ao mesmo tempo. Não se satisfaz com poucas atividades. Na verdade, todo mundo está sempre correndo, sempre sem tempo, faça o que fizer. Não é privilegio meu não. *(...)* Dos meus colegas homens, eu sinto que eles não lamentam esse tempo da paternidade. É mais pesado para elas, pelo o que eu percebo. Mas isso não é regra. Eu conheço amigos que eles dividem bem. Mas o mais comum é a mãe ficar com o peso maior. Ela que leva para escola, ela que ensina dever de casa, ela que faz uma coisa ou outra e participa menos. (...) Eles chegam na escola e falam: *'Eu li o jornal, eu vi o jornal'*, enquanto elas estão ou na cozinha ou na mesa ensinando o dever de casa. Dificilmente eu vejo que elas

lêem jornal e eles estão preocupados com o dever de casa dos filhos.

Nesta colocações de Regina trazem-nos muito elementos desde o fato de que a experiência e os sentimentos do tempos das professoras diz respeito às modulações do tempo e da rítmica social nas sociedades contemporâneas – marcados pela ... até o fato de que muitos homens já começam a assumir as tarefas domésticas. dois aspectos devem ser considerados. O primeiro, a ser reiterado, é o de que as circunstâncias sócio-históricas circunscrevem a experiência do tempo de mulheres e homens, independentemente de suas categorias profissionais e demais clivagens sociais. Neste sentido, todos/as os/as sujeitos sociais estão submetidos – mais ou menos, em maior ou menor grau – ás rítmicas das sociedades contemporâneas. Cadências nas quais a pressa/rapidez, o quantitativo e o espetáculo se constituem como paradigmas na constituição de modos de vida, nas configurações dos mundos do trabalho, nos tempos da vida pública e da vida privada. São visíveis suas implicações sobre a intimidade,e processos de subjetivação, podendo gerar, inclusive, diversas formas de adoecimento, entre elas os sofrimentos da alma (quadros depressivos, entre outras). O tempo parece passar mais depressa, como as pessoas costumam dizer.

São inúmeras as pessoas apressadas, fazendo tudo rapidamente para ganhar tempo. São milhares de pessoas *correndo contra o tempo,* como se costuma dizer e não somente os professores e professoras. O que interessa, contudo, é discutir e melhor compreender como tudo isso se passa com a professora, mulher. Na volumosa, densa, tensa e intensa rítmica da vida social contemporânea, para a mulher isto parece ser mais acentuado. E a própria Regina apresenta a chave para a compreensão disto, completando o que já foi dito anteriormente: há várias demandas de tarefas e responsabilidades sobre a mulher, sob quem ainda cabe a maior parte das tarefas, responsabilidades e preocupações relativas ao cuidado da casa e dos filhos, no caso das professoras donas de casa e mães por um lado. Por outro, ela mesma, mulher quer muito mais coisa, quer ser e ampliar suas experiências e horizontes nos dias atuais, *"não se satisfaz com poucas atividades",* nas palavras de Regina. Esses traçados e trançados da

experiência do tempo de Regina fazem-nos compreender seu sentimento do tempo como angústia, no qual ela precisa se dividir entre muitas tarefas e papéis, além de deixar para traz parte de seus sonhos e desejos de realização.

O relato de Vânia, embora tenha proximidades com o de Regina, traz outras formulações e expressões de seus sentimentos do tempo. Ela observa:

> Mas a questão do tempo, você disse essa questão do significado, da visão do tempo, é... Cada vez eu vejo mais urgência em fazer as coisas, eu tenho mais pressa em fazer as coisas. Eu digo que eu tenho uma lista de livros e de filmes que eu quero ler, que eu quero assistir. E para cada um que eu consigo riscar, já tem mais 5, 7 acrescentados. Então eu fico, essa questão do tempo me incomoda um pouco, ter tempo pra dar conta dessa ânsia, dessa vontade de conhecimento. Eu sou muito ligada nessa coisa de saber mais, conhecer mais, de viajar. (...) Aí, dentro dessas minhas, desses meus desejos, eu estou tendo cada vez mais urgência, e eu não me considero velha de forma alguma, mas a cada passo que eu dou tem mais dez que eu quero dar. E quero mais, quero mais, quero mais, e eu num estou dando conta. É, são passos muito lentos pra onde eu quero chegar, até essa questão do onde eu quero chegar...

Se na entrevista de Regina o tempo aparece como angústia, na de Vânia um de seus qualificativos é o da urgência. Ela deseja fazer muitas coisas, têm vários interesses e realizá-los é colocar-se em confronto com a questão do tempo. Ela não pode perder tempo: tem urgência. Sente necessidade e desejo de fazer coisas de que gosta, sem que o tempo lhe escape. Talvez Regina dissesse que Vânia é uma entre as inúmeras mulheres que *não se satisfazem com poucas atividades.* Estes sentimentos

de Vânia também recolocam a questão que a poetiza espanhola, Florbela Espanca, expressa em um de seus poemas no qual se refere à *amargura do tempo* vindo da sensação de que é ela que desliza através dele, contando os minutos, nas *horas que desagregam, desfiando entre seus dedos.* Não seria este o sentimento de Vânia?

Esta angústia se reapresenta nos relatos de Ângela, a professora mais jovem, inscrito em outras significações e motivos. Associados, sobretudo, à sua condição de principiante, associado a seus ritos de passagem, ou melhor, a seus tempos de chegada ao magistério. Ela relata:

> São tempos tensos, principalmente o tempo que eu estou começando agora, como professora. É uma tensão, uma angústia muito grande, porque no início a gente fica sem saber o que é que esses meninos estão fazendo aqui. O que é que eles querem realmente, para a vida deles; o que é que a escola quer de mim. O que é importante eu trabalhar com os meninos nesse tempo que eu estou aqui com eles, apesar de que são tempos bem pequenos. Os 50 minutos de aula, têm dia que voam, têm dia que demoram horrores pra poder passar. Aí é sempre uma angústia porque é um tempo de escolhas, sempre. Nesse começo, é um tempo que a gente tem que refletir demais sobre as escolhas, o que é que eu quero passar, do que é que eu quero falar. O que é que eu tenho que falar com aqueles meninos. (...) Outra coisa que eu tenho para falar é que esse tempo de início foi mais difícil, foi um tempo de acostumar com a experiência do tempo dos meninos. Então, é bem complicado, porque a gente já está vivendo, já tem uma outra sintonia. Posso ter vivido o tempo daqueles meninos da forma como eles viveram, mas hoje meu tempo, minha experiência de tempo, não é assim mais. Então nesse começo é muito difícil de acostumar com esse tempo da adolescência, tempo do namoro desses meninos, porque o que importa, para eles

> pouco importa se está falando de geografia, de letras, de mar, de rio, de história, não importa. Então, eu acho que essa tensão, essa angústia tem muito a ver com isso.

Estes fragmentos da entrevista de Ângela são muito claros quanto aos sentimentos inscritos em sua experiência do tempo de uma jovem professora, principiante na profissão. Os estudos sobre os ciclos da carreira docente, como os de Huberman (1992) que analisaram os diferentes ciclos contidos no transcurso do tempo de magistério analisam esta questão, mostrando as particularidades da condição e do exercício da docência em seus diversos períodos ou ciclos: do início à aposentadoria.

Embora tenha dito a palavra angústia, tal como Regina, são diferentes o sentido e a origem que uma e outra atribuem a este sentimento. Vários elementos constitutivos da condição e do exercício da docência apontados pela própria entrevistada e por estudos existentes, auxiliam-nos na compreensão desta experiência de Ângela. Parte deles a própria entrevistada apontou, qual seja, a problemática da convivência intergeracional, que distancia os adultos, docentes e as crianças e jovens – discentes. Mesmo Ângela sendo uma jovem professora, ela já sente as diferenças existentes entre a adolescente que ela foi e os adolescentes de hoje, tal como exemplifica ao se referir aos interesses de seus alunos, meninos e meninas. Como ela mesma afirma: *"esse tempo de início foi mais difícil, foi um tempo de acostumar com a experiência do tempo dos meninos."*

Outro aspecto da docência que se observa nestas suas falas refere-se ao fato de que, no magistério as certezas são poucas, tendo em vista que se trabalha com a formação de seres humanos. Não há respostas prontas sobre o que fazer, como fazer, por que fazer, para que fazer algo desta ou daquela forma. No caso dos professores iniciantes, esses "dramas", questões e incertezas tornam-se mais fortes, entre outros motivos, porque eles não têm sequer de onde partir, não tem uma experiência pretérita de sala de aula como docentes.

Os sentimentos do tempo inscritos nos fios e trançados da experiência temporal de Regina, Vânia e Ângela podem ser melhor analisados a partir de dois eixos analíticos. De um lado as configurações do tempo e das temporalidades implicadas na condição docente circunscrita, por sua vez, aos tempos escolares e as rítmicas das sociedades contemporãneas. De outro, a partir dos estudos e análises relativas à divisão sexual do trabalho. Ademais, é preciso levar em conta, que elas se localizam em distintas gerações do magistério.

No que se refere aos tempos escolares, tanto para professoras quanto para professores, destaca-se sua plural, complexa e delicada arquitetura dos tempos escolares. Como dizia um professor, na escola existem *"muitos tempos dentro do tempo".* E mais: na escola, segundo uma outra professora *"ás vezes o tempo não dá tempo".*

Trata-se de formas temporais historicamente construídas, sob a hegemonia dos tempos mercantis, industriais, modernos, demarcados pelos relógios, agendas, quadro de horários e calendários específicos, no caso da escola. Em seus percursos de longa, média e curta duração os tempos escolares foram tomando a forma em que hoje se apresentam, nas denominadas escolas de massa e sistemas de ensino; nas estruturas e dinâmicas curriculares, que designam períodos socialmente esperados para que os processos educativos se desenvolvam e concluam.

São, também, temporalidades múltiplas, nas quais se destacam e enredam os tempos das diversas gerações humanas que co-habitam os territórios da escola na convivência entre crianças, adultos e jovens, tal como Ângela enfatizou. Vê-se, ainda, que os tempos da escola não são homogêneos, pois existem, por exemplo, os períodos das aulas e dos recreios, ao lado dos tempos interstícios (dos intervalos), das festas, dos exames, das lutas entre outras de suas modulações.

Há que se considerar, ainda, no trabalho docente e na experiência do tempo no magistério, as perspectivas de passado, presente e futuro, *"o tempo referido à experiência",* nos termos de N.Elias (1989). Na escola co-existem os conhecimentos produzidos no passado e no presente; os conhecimentos datados que vão sendo atualizados e revificados nos conteúdos e saberes escolas. Na arquitetura temporal das escolas estão os sujeitos sociais localizados em diferentes ciclos vitais, em suas

manifestações sócio-culturais, biofísicas e psíquicas nas infâncias, nas adolescências, nas juventudes e na adultez. Na escola, a preocupação dos/as professores/as, dos/as pedagogos/as, dos pais, dos/as gestores/as, incide não somente sobre o presente, mas sobre as bases que os processos educativos de agora deverão oferecer para o futuro das crianças e jovens alunos.

As particularidades relativas às diferentes gerações de professoras. Neste sentido, Ângela, uma jovem professora, defronta-se com estas questões específicas, diferentes das que se colocam para Vânia e Regina, também é preciso considerar.

Por último vale destacar, tal como visto nos relatos de nossas entrevistadas, que a problemática e a experiência do tempo nas vidas das professoras, ou mesmo dos professores homens, cruza-se e se reconfigura mediante outras clivagens sociais que localizam os sujeitos no tecido social. Neste sentido, as clivagens de origem social, étnico/raciais, religiosas, políticas, ideológicas e ainda a diversidade em relação a ter ou não ter filhos, à condição social dos esposos e familiares, ao lado das diversas áreas de conhecimento e campos disciplinares, os níveis de ensino e faixas etárias dos estudantes com os quais trabalham, entre outras tantas variações, precisam ser consideradas para melhor compreendermos as temporalidades em que se inscrevem as vidas de professoras e professores, em busca da superação de seus problemas e dificuldades.

A noite chegava
e ela não tinha tempo para arrematar o dia...

Por entre experiências do tempo assim urdidas, entre fios e tramas das temporalidades da casa e da escola, as professoras vão tecendo nas texturas e viscos de suas vidas, seus enredos e histórias de mulheres. Mas como tudo isto poderia ser melhor deslindado, como entender esta trama, ainda que numa provisória e inacabada leitura, numa primeira interpretação? Que hipóteses elaborar para compreender o que encontramos? Quais processos e dinâmicas da vida social estariam dando origem a estes fios e trançados e não outros? Considerando que as histórias

individuais e coletivas, tanto quanto objetividade e subjetividade se completam, complementam e constituem mutuamente, o que poderia auxiliar-nos na compreensão destas configurações da experiência do tempo destas professoras, do ponto de vista das temporalidades sociais e históricas, que estruturam diferentes formas de se viver no feminino e no masculino os tempos?

Buscando referenciais para nos aproximarmos destas questões, tem-se como pano de fundo, o pressuposto de a noção de tempo é uma construção sócio-histórica das culturas, na qual se enredam temporalidades e rítmicas da natureza e da vida social, que estruturam modos de vida e subjetividades. As formas de conceber, mensurar e experienciar o tempo dos professores e professoras associa-se à moderna noção de tempo e às suas formas de mensuração, erigidas por longas cadeias de geração humanas.[i] Trata-se, pois, de temporalidades e experiência temporal tecidas sob o paradigma da moderna noção de tempo, associada à sociedade mercantil, urbana, industrial, em outros termos, às sociedades capitalistas, em sua versão nas sociedades contemporâneas.

Destaca-se, ainda, no pano de fundo, o fato de que experiência do tempo é generificada. Em vários aspectos e dimensões de seus conteúdos e formas estão presentes as diferenças, quando não as desigualdades, entre mulheres e homens. E estando diante de um grupo de um grupo profissional, de trabalhadores da escola, também não se pode esquecer os contornos e processualidades relativos à divisão sexual do trabalho. De igual forma, é preciso levar em conta as modulações dos tempos escolares, visto suas impregnações sobre os tempos docentes. Os tempos escolares, por sua vez, se enredam não apenas nas configurações dos tempos modernos, como também, nas temporalidades dos ciclos da vida e das gerações humanas, nas rítmicas do conhecimento e dos processos de formação humana; nas dimensões de passado, presente e futuro da vida que amanhece em cada criança, adolescente e jovem, entre outras de sua complexa e delicada arquitetura temporal.

O esforço de discutir a experiência do tempo remete-nos, por seu lado, a uma certa mirada e perspectiva teórico-analítica que envolve, tanto quanto ultrapassa, os estudos sobre os usos e distribuição do tempo usualmente realizados. Diferentemente deste aporte, a discussão da

experiência do tempo busca compreender as vivências ou os viveres do transcurso e das cadências das temporalidades humanas, como também os sentidos, os sentimentos e os significados que os sujeitos neles inscrevem. Tomando-se a experiência como algo da ordem do que *nos* passa e não somente do que se passa com os sujeitos, na formulação de J. Larrosa (2004), a experiência do tempo diz respeito às temporalidades implicadas no vivido dos sujeitos. Neste sentido, agrega elementos da subjetividade e de reflexividade, de atribuição de sentidos, de interpretações, de significados, de emoções para além de um tempo cronológico.

E como entender tudo isto? Reiterando a discussão relativa á divisão sexual do trabalho, bem como os estudos de Carrasco (2001), de Dedecca (2004) e do IBGE, entre outros, estes distintos trançados da urdidura da experiência do tempo de mulheres professoras e homens professores, dizem respeito à distinta e desigual inserção de uns e outros nos processos de reprodução social, nos termos de Dedecca. Ou na expressão de Hirata, à distinta localização de uns e outros, mulheres e homens na divisão sexual do trabalho.

Nos termos de Dedecca (2004) as necessidades humanas relativas à reprodução da existência humana resulta nos processos *de reprodução econômica* e de *reprodução social.* Esta última, sob a responsabilidade das mulheres no cenário dos atuais contornos da divisão sexual do trabalho, diz respeito à continuidade da vida humana e à renovação da energia para o trabalho, da força de trabalho, comprada e vendida por um salário, nos marcos das sociedades capitalistas. Qual seja, as atividades e cuidados com a alimentação, a saúde, a higiene, os filhos e os idosos, nas sociedades modernas e contemporâneas continuam sendo, prioritariamente, uma responsabilidade social das mulheres. As professoras que entrevistamos confirmam a regra.

Quanto à contribuição da teorização da Divisão Sexual do Trabalho, algumas idéias devem ser lembradas. Uma delas remete-nos ao fato de que estamos diante da invisibilidade do trabalho gratuito realizado pelas mulheres que, a partir de certo período histórico, tornou-se uma grande "evidência coletiva" de opressão e dominação social. Trata-se aqui, de um labor invisível, realizado pelas mulheres não para si mesmas, mas para o outro, "*en nombre de la naturaleza, del amor o del deber maternal*", como

algumas de nossas entrevistadas ressaltaram. Estando nos domínios da *reprodução social,* tem-se uma atividade laboral associada às relações afetivas geradas no seio da família, isto é, fundada nos laços da "disponibilidade" maternal e conjugal das mulheres.

Não se pode esquecer, ainda, que o trabalho doméstico é uma "*forma privilegiada da chamada esfera privada*", sob a responsabilidade das mãos femininas, enquanto os homens podem arquitetar formas de escapar deste tipo de trabalho, legitimamente, como pudemos ver nas redes e formas de sociabilidade que os professores homens constituem, diferentemente das professoras mulheres..

De outra parte, sabe-se que as relações entre os grupos são construções sociais e não biológicas, possuindo tal construção uma base material, fundada em uma divisão de trabalho concreta, e não apenas ideológica. A autora considera, por fim, que tais relações têm como base a hierarquia entre os sexos, ou seja, uma relação de poder e dominação. Neste sentido, segundo Kergoat (2002, p.71), "*hablar en términos de división sexual del trabajo es ir más allá de la simple constatación de desigualdades: se trata de articular esta descripción de lo real con una reflexión sobre los procesos a través de los cuales la sociedad utiliza esta diferenciación para jerarquizar las actividades*".

É necessário agregar, ainda, a esta discussão, algumas considerações relativas ao trabalho docente ou às condições de exercício da docência nos dias atuais. A este respeito autores como FANFANI (2007) salientam que está emergindo um novo perfil de docentes e discentes no cenário das sociedades contemporâneas, nas quais se observam novas formas de socialização e de sociabilidade entre novos espaços para tal convívio, diferentes configurações da estrutura familiar, o que reflete direta ou indiretamente no funcionamento da escola, nas formas de desempenho das tarefas escolares, assim como da função dos professores e da resposta dos alunos a determinadas atuações e estímulos.

Dito de outro modo, na medida em que crescem as exigências pela melhoria na qualidade do ensino, as responsabilidades atribuídas aos docentes vão sendo ampliadas, seus papéis e representações se multiplicando, assim como as pressões e cobranças. Tudo isto ao lado dos tempos virtuais cada vez mais presentes na rotina das atividades docentes

e das reformas educacionais. As novas formas de regulação da docência, em geral vindas de cima, por imposição dos sistemas de gestão educacional, acarretam novas exigências aos docentes, problemática recorrente em pesquisas e estudos sobre a docência nos dias atuais.

A abordagem de gênero na discussão da experiência do tempo das professoras mulheres se faz necessária à medida em que a existência da divisão sexual do trabalho, histórica e culturalmente constituída, impõe e circunscreve diferentes tarefas e posições de gênero nas esferas públicas e privadas da vida social. Qual seja, em sua constituição sócio-histórica, os contornos da divisão sexual do trabalho tornaram diferentes e desigual a inserção e atuação das mulheres e dos homens no mundo do trabalho, com implicações sobre os usos, a distribuição e a experiência do tempo de uns e outros. No caso deste estudo, a experiência do tempo das professoras, mulheres face à dos professores homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Carolina Faria. *Relações de gênero e trabalho docente: jornadas e ritmos no cotidiano de professoras e professores.* Anais do VII Seminário Fazendo Gênero 28, 29 e 30 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos /C/Carolina_Faria_Alvarenga_58.pdf

AMOROSO, M. I. et al. *Malabaristas de la vida*. Mujeres, tiempos y trabajos. Barcelona: Içaria, 2003.

CARRASCO, Cristina. *Tiempos, trabajos y gênero*. Publicaciones de la Universidad de Barcelona, 2001.

_____. Tiempos, trabajos y organización social: reflexiones en torno al mercado de trabajo femenino. En; Mujeres y economia. Nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas. Barcelona: Icaria, 1999.

CARRASCO, C., SAINZ, C.G.& AGUIRRE, R. *El tiempo, los tiempos, una vara de desiguldad.* Santiago do Chile: CEPAL, Publicación de las Nações Unidas,2005.

COLETIVO IOE. *Tiempo social contra reloj. Las mujeres y la transformación em los usos del tiempo*. Serie Estudios, n. 48. Madrid: Instituto de la Mujer, 1996.

DEDECCA, Claudio Salvadori. *Regimes de Trabalho, Uso do Tempo e Desigualdade entre Homens e Mulheres.* Disponível em: www.fcc.org.br/seminario/DEDECCA.pdf,

_____. Tempos, trabalho e gênero. [Org.] – São Paulo: CUT Brasil, 2004, pp 21-52.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa:* o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 609p.

ELIAS, Norbert. *Sobre el tiempo.* Trad. Guilhermo Hirata. Buenos Aieres: Fondo de Cultura Econômica, 1989.

FANFANI, Emilio Tendi. *La condición docent*e. Buenos Aires, 2006.

FANGER, Elsie Mc Phail. *Voy atropellando tiempos, género e tiempo libre.* Universidad Autónoma Metropolitana, 2006.

FERMOSO, Paciano. *El tiempo educativo y escolar*: estúdio interdisciplinar. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitárias, 1993.

HARGREAVES, Andy. *Os professores em tempos pós-modernos*: o trabalho, a cultura dos professores na idade pós-moderna. Lisboa, Portugal; Rio de Janeiro: McGraw Hill, 1998.

HIRATA, Elena e ZARIFIAN, Philippe. Trabajo (concepto de). In: HIRATA, Helena. LABORIE, Françoise. LE DOARÉ, Hélène e SENOTIER, Danièle (Coord.). Diccionario crítico del feminismo. Madrid: Editoria Sintesis. 2002, pp.269 a 274

KERGOAT, Danièle. División Sexual del Trabajo. In: HIRATA, Helena. LABORIE, Françoise. LE DOARÉ, Hélène e SENOTIER, Danièle (Coord*.). Diccionario crítico del feminismo.* Madrid: Editoria Sintesis. 2002, pp.67 a 75.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio (org.). *Vida de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.

IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2007. *"Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005*". Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=954, Acesso em: 15 Jan. 2008.

LARROSA, Jorge B. *Experiência e paixão.* In:Linguagem e Educação depois de Babel. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. [[[ERRO: O NOME DO LIVRO E NÃO DO CAPÍTULO É QUE VEM EM ITÁLICO]]]

MANNHEIM, Karl. *Karl Mannheim*: sociologia. São Paulo: Ática, 1982.

MÉDA, Dominique. *El tiempo de las mujeres*: conciliación entre vida familiar y profesional de hombres y mujeres. Madrid: Narcea S.A Ediciones, 2002.

PEDA, Mariano Álvaro. Diferencias, en el uso del tiempo, entre varones y mujeres y otros grupos sociales. Madrid: Instituto de la mujer, Revista REIS nº 74. 1996, pp. 291-326.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v.20, n.2, jul./dez1995, p.71-100.

SORJ, Bila. Trabalho remunerado e não remunerado. In*:* VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de; (Org.) *A mulher brasileira nos espaços público e privado***.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. 190 p.

_____.*Tempos enredados*: teias da condição professor. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 1998 (Teses, Doutorado em Educação)

_____. *Dimensões da experiência do tempo na condição docente em contextos rurais e urbanos*. Relatório Técnico de Pesquisa – Versão Final – Bolsa de Produtividade do CNPQ. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2005 (mimeo)

_____. Cadências escolares, ritmos docentes. *Educação e Pesquisa* (Revista da Faculdade de Educação da USP), São Paulo v.25, n. 2, jul/dez. 1999, p.87-108.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PRAXEDES, Vanda Lúcia & PÁDUA, Karla. *Memórias e percursos de estudantes negros e negras na UFMG.* Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: GRACIO, Sérgio e outros. *Sociologia da Educação*, 1, Antologia: funções da escola e reprodução social. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

TORNS, T. El tiempo de trabajo de las mujeres: entre visibilidad y la necesidad. En: CARRASCO, C. *Tiempos, trabajos y gênero*. Publicaciones de la Universidad de Barcelona, 2001